

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE
CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

LUCIMAR SOARES DE OLIVEIRA
MARIA DE JESUS BARBOSA NASCIMENTO
MARIA GILVAN DE SOUSA LOBO
MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA BRUNO
MÔNICA DE FREITAS NUNES

A LEITURA COMO FONTE DE PRAZER E/OU DESPRAZER

BRASÍLIA, 2006.

LUCIMAR SOARES DE OLIVEIRA
MARIA DE JESUS BARBOSA NASCIMENTO
MARIA GILVAN DE SOUSA LOBO
MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA BRUNO
MÔNICA DE FREITAS NUNES

A LEITURA COMO FONTE DE PRAZER E/OU DESPRAZER

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia – Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Professor Nota 10, da Faculdade de Ciências da Educação – FACE - do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte das exigências para conclusão da disciplina Monografia II.

Orientador: Prof. Antônio César Nascimento Brito

BRASÍLIA, 2006.

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho aos nossos familiares e amigos que confiaram em nós e sempre nos fortaleceram diante das dificuldades. A todos aqueles que acreditaram em nosso potencial e fizeram com que nossos sonhos se tornassem possíveis.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é a nossa fonte de inspiração e sabedoria. Que sempre está com suas mãos estendidas pronto a nos abençoar. Foi quem esteve presente em todos os momentos desta trajetória, nos encorajando e nos guiando pelo caminho da vida.

Aos nossos pais e familiares que acreditaram que este sonho tornar-se-ia realidade, sempre compreendendo as nossas limitações e fragilidades.

Ao orientador Antônio César, que nos ajudou a superar as dificuldades que surgiram durante esta jornada.

Às amigas que estiveram presentes nos momentos de alegria e de tristeza, que acompanharam cada etapa, que enxugaram as lágrimas e que compartilharam os sorrisos e as conquistas.

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso que tem por tema “**A LEITURA COMO FONTE DE PRAZER E/OU DESPRAZER**”, aborda a temática que atualmente tem sido alvo de debates e discussões, que é o desenvolvimento da leitura em sala de aula e fora dela. Observa-se que, nos dias atuais, os alunos não demonstram interesse pelas atividades de leitura, assim como os professores não apresentam motivação para realizar este trabalho, que é fundamental para a formação do cidadão crítico. Percebe-se que o trabalho com a leitura tem sido feito de forma tradicional, mecânico e fora da realidade das crianças. A leitura em sala de aula tem sido transformada em uma obrigação didática, e conseqüentemente uma fonte de desprazer. Visando a incentivação à leitura, na tentativa de resgatar o gosto pela mesma e transformá-la em uma atividade prazerosa, foi desenvolvida a pesquisa - ação com abordagem qualitativa, com o intuito de coletar e analisar dados sobre como está sendo realizada a leitura na escola, bem como o interesse e a motivação de alunos e professores. Além disto, a pesquisa propiciou a fundamentação teórica sobre a prática prazerosa de leitura; o resgate do interesse, da motivação e do hábito de leitura; a promoção de momentos de leitura com diferentes gêneros literários; o desenvolvimento de dinâmicas e de técnicas de leitura compartilhada; a ludicidade nas atividades a fim de resgatar o gosto pela leitura e o estímulo à imaginação e a criatividade. A pesquisa foi desenvolvida por professoras das Séries Iniciais do Ensino Fundamental de cinco Escolas Públicas do Distrito Federal, situadas nas Regiões Administrativas de Ceilândia, Samambaia e Santa Maria. Foi aplicado um questionário aos professores das escolas mencionadas e uma conversa informal com os alunos para a coleta de dados; foi realizado o Chá Literário, bem como atividades e dinâmicas de leitura. Sabendo que a leitura é um importante meio para a reconstrução de uma sociedade livre e justa, foi relevante realizar esta pesquisa tendo em vista que a reflexão sobre a prática pedagógica é necessária para o processo de formação acadêmica.

PALAVRAS CHAVES: LEITURA; EDUCAÇÃO; CIDADANIA.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	8
2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
2.1 – A PRÁTICA DA LEITURA.....	9
2.2 – A LEITURA COMO FONTE DE DESPRAZER.....	11
2.3 – A LEITURA COMO FONTE DE PRAZER.....	12
2.4 – O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E A LEITURA.....	16
2.5 – NOVOS GESTOS DE LEITURA.....	17
2.6 – A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA LEITURA.....	19
2.7 – O TRABALHO COM A LEITURA EM SALA DE AULA.....	21
2.8 – DIREITOS IMPRESCRITÍVEIS DO LEITOR.....	23
2.9 – O DOGMA DA LEITURA / É PRECISO LER!.....	24
2.10 – COMO DAR MAIS VIDA À LEITURA.....	25
2.11 – O USO DE BIBLIOTECAS.....	26
2.12 – CUIDADOS COM O LIVRO.....	27
3 – ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS.....	28
4 – ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	30

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

TÍTULO: A LEITURA COMO FONTE DE PRAZER E / OU DESPRAZER

1 – INTRODUÇÃO

Segundo Silva (1986), a leitura é um importante meio para que haja a reconstrução de uma sociedade livre e justa. É um ato que pode resultar em transformação social.

Atualmente, percebe-se que o trabalho com a leitura em sala de aula tem sido feito de forma tradicional, mecânica e fora da realidade dos alunos.

A leitura em sala de aula tem sido transformada em uma obrigação didática, e conseqüentemente um desprazer, tanto para os professores quanto para os alunos.

As causas fundamentais da crise de leitura não estão vinculadas à presença e a influência da televisão na sociedade brasileira, como parece explicar o senso comum. Essa crise advém fundamentalmente: primeiro da participação desigual das classes sociais; segundo, das formas arbitrárias e fetichizadas de se conceber e de se produzir à leitura. (SILVA, 1986, p.12).

Além destes fatores citados pelo autor, pode-se destacar outros que, têm influenciado a falta de motivação dos professores e dos alunos, que são objetos desta pesquisa, tais como: a falta de acervo adequado que possa atender as necessidades socioeconômicas, políticas, afetivas, cognitivas, coerentes com a faixa etária; a desvalorização da literatura e a falta de ludicidade, dentre outros.

Atualmente, têm-se enfrentado uma crise com relação à leitura em sala de aula. O trabalho tem sido frustrante para educandos e educadores. “Para superar a crise da leitura, é preciso democratizar a mesma; desfazer os critérios sobre o que é ser leitor e definir o gosto pela leitura”. (SILVA, 1986, p.12).

Diante do exposto, como os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental podem trabalhar a leitura a fim de torná-la mais atraente?

Como resgatar o gosto pela leitura tanto dos professores quanto dos alunos?

Visando alcançar respostas a estes questionamentos, optou-se por realizar esta pesquisa-ação em Escolas Públicas do Distrito Federal nas séries iniciais do Ensino Fundamental, com o intuito de refletir sobre a prática educativa no que se refere ao trabalho com a leitura em sala de aula. Com base neste objetivo, a pesquisa propiciou a coleta e análise de dados sobre o trabalho com a leitura e o interesse dos alunos pela mesma; a fundamentação teórica sobre a prática prazerosa da leitura; o resgate do interesse, da motivação e do hábito de leitura; a promoção de momentos de leitura com diferentes gêneros literários; o desenvolvimento de dinâmicas e de técnicas de leitura compartilhada; a ludicidade nas atividades a fim de resgatar o gosto pela leitura e meios para despertar a imaginação e a criatividade.

2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 – A PRÁTICA DA LEITURA

Conforme se pode observar nos PCN's (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS) de Língua Portuguesa (MEC, 2001), a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita.

O trabalho com a leitura tem como finalidade à formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. Não se trata, evidentemente, de formar escritores no sentido de profissionais da escrita, e sim, de pessoas capazes de escrever com eficácia. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever. (PCN - LÍNGUA PORTUGUESA, MEC, 2001, p. 53).

O trabalho com a leitura propicia um universo de possibilidades para o professor enriquecer seu trabalho em sala de aula e conhecer melhor o seu aluno.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita e outros. O termo portador está sendo utilizado para referir-se a livros, jornais, revistas e outros objetos que usualmente portam textos, isto é, os suportes em que os textos foram impressos originalmente. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra.

Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, a compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê. A leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência.

Uma estratégia de leitura é um amplo esquema para obter, avaliar e utilizar informação. As estratégias são recursos para construir significado enquanto se lê; estratégias de seleção

possibilitam ao leitor se ater apenas aos índices úteis, desprezando os irrelevantes; de antecipação permitem supor o que ainda está por vir; de inferência permitem captar o que não está dito explicitamente no texto e de verificação tornam possível o “controle” sobre a eficácia ou não das demais estratégias.

O uso destas estratégias durante a leitura não ocorre de forma deliberada – a menos que intencionalmente, se pretenda fazê-lo para efeito de análise do processo. É o uso destes procedimentos que permite controlar o que vai sendo lido, tomar decisões diante das dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas e outros.

Formar um leitor competente supõe, de acordo com os PCN’s, formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los.

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão, conseqüência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada, a escola vem produzindo grande quantidade de leitores capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler. O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura, indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem, que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, que verifiquem suas suposições – tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao significado. É disso que se está falando quando se diz que é preciso ler, lendo. (IBIDEM, p. 55,56).

Para aprender a ler, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar

o conhecimento que já se tem e o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda dos leitores experientes.

A leitura como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Ler é a resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal. Fora da escola, não se lê só para aprender a ler; não se lê de uma única forma; não se decodifica palavra por palavra; não se responde a pergunta de verificação do entendimento preenchendo fichas exaustivas; não se faz desenho sobre o que mais gostou e raramente se lê em voz alta. (IDEM, p.57).

A leitura efetuada dentro dos moldes críticos, sempre leva à produção ou construção de um outro texto: o do próprio leitor.

A leitura é um instrumento necessário para buscar soluções, propor mudanças, encontrar alternativas.

Pode-se afirmar que, as nossas concepções sobre as coisas, os processos e os objetos existentes no mundo, afetam diretamente as práticas sociais. Assim, aquilo que sabemos ou pensamos que sabemos sobre o ato de ler, ou ainda, a forma pela qual concebemos ou lemos, enriquece ou empobrece, dinamiza ou paralisa, dirige ou desvia, conscientiza ou serve para alienar as ações relacionadas com as dos leitores, principalmente as dos alunos no Ensino Fundamental, pois, certamente, cada um de nós desenvolveu, ao longo do trajeto de vida, uma determinada concepção de leitura. (SILVA, 1986, p. 47).

Desenvolver o hábito de leitura não se restringe a ensinar a ler, mas sim a proporcionar ao aluno uma maior compreensão do seu universo, e uma oportunidade de saber lidar com as suas experiências e seus sentimentos.

Sabemos que a leitura pode ser um processo de transformação social, e que sem ela, nos tornamos um povo desumano e com profundos problemas sociais.

Um texto sempre se refere a um determinado contexto, ele é na verdade uma ponte, ou uma janela para determinados aspectos da realidade. Por isso a leitura interfere significativamente na formação do cidadão crítico e ativo, transformador da realidade.

2.2 – A LEITURA COMO FONTE DE DESPRAZER

Diante desta temática, percebe-se que muitos alunos perderam o gosto pela leitura por ter sido frustrados quanto ao desenvolvimento da mesma em seu percurso escolar. O tradicionalismo, o autoritarismo e o ensino mecânico e ultrapassado interferem bastante neste problema.

Na maioria das vezes, como afirma Assunção (2000, p.21), os alunos são obrigados a ler livros e textos cotados como bons, por serem de interesse e indicação dos governantes, secretarias de Estado de Educação, diretores de escolas e outras instâncias.

Além de estes livros serem “indicados”, ainda são aproveitados para avaliações, fichamentos, resumos e outras atividades, a fim de obtenção de conceitos ou requisitos para

aprovação. É a comprovação de que os alunos realmente leram. Neste caso, a leitura torna-se manipuladora, *uma máquina de destruir leitores*, como denomina o referido autor; e não é desejável vê-la como esta máquina, mas, pretende-se descobrir meios para que os estudantes sintam prazer em ler.

Os educadores têm muitas dificuldades em despertar o prazer de ler nos alunos, e até mesmo extinguem de seus planejamentos o momento da leitura.

A frustração destes profissionais com relação à leitura pode ter sido gerada, por não terem no passado um contato espontâneo com a leitura, por ter sido uma experiência forçada, por uma necessidade de aprendizado, que a transformou antes em “profissional” do que em leitor. Ler para o educador é uma obrigação, e muitas vezes ele acaba transmitindo esta experiência negativa para os seus alunos. “Ao invés de vincular a leitura ao prazer, passa a idéia de que ler é trabalhoso, [...], como carregar pedra, ou cortar grama [...]” (ASSUNÇÃO, 2000, p.21).

Alguns professores não têm obtido muito sucesso quando falam aos alunos sobre a leitura, pelo fato de muitos deles não serem leitores, e por isso, não conseguem estimulá-los nesta tarefa que necessita ser realizada com prazer, para que seus resultados sejam satisfatórios.

Ah! A escola tornou-se tão desastrada na tentativa de criar novos leitores que passou mais é a afastar do que aproximar o estudante dos livros. Feita para ensinar, ela acaba por passar seus preconceitos em relação à leitura. (IBIDEM, p.21).

Para Assunção, a escola não tem conseguido desenvolver a leitura desvinculada da obrigatoriedade, e, pela própria experiência frustrada dos educadores, força uma relação com os alunos de que a importância da leitura é somente para atingir resultados satisfatórios no final do ano letivo.

Ao afirmar que a leitura é uma questão pedagógica, Orlandi (1996), mostra também que a escola encara a leitura como instrumento útil ao aprendizado, desprezando a sua função lúdica. Ao propor uma forma de leitura homogênea, privilegia a classe média em detrimento dos alunos de baixa renda. Acrescenta que a ideologia escolar enfatiza a leitura parafrásica e ignora a leitura polissêmica, recusando ao leitor a participação no texto. Também, ao ignorar o fato de que o aluno convive com outras formas de linguagem que não a verbal, a escola legitima leituras – sendo a ideal a que o professor assim acredita – privando o aluno de manifestar suas outras leituras, as vivências com as outras formas de linguagem.

2.3 – A LEITURA COMO FONTE DE PRAZER

De acordo com SILVA (1986), possuímos uma definição sobre o ato de ler, seja explícita ou implicitamente, em função de vivências e da prática que executamos. Estas experiências surgem da convivência social com outros homens ou dentro de instituições onde o livro e a leitura se fazem mais presente.

O professor deve dar a liberdade ao aluno para que este possa escolher o livro e/ou texto que quer ler.

É preciso que o leitor se emocione, sinta prazer com a leitura e isto ele só vai conseguir lendo algo que lhe interesse.

Conforme Pazos (2004) afirma, hoje, em muitas escolas, a leitura passou a ser um pretexto para a educação. Temos que administrar bem esta situação porque por um lado os pais têm cada vez mais delegado esta função á escola, exigido que ela eduque seus filhos, e por outro lado, o professor sabe que não pode e nem deve afastar o livro. Assim, resta procurar resgatar, na sala de aula, o lugar do livro como puro entretenimento, deleite e prazer, visando a formação do hábito de ler. Para tanto, é importante ter em mente que a função da escola, de acordo com a autora é formar modificadores da realidade e a leitura tem importante participação nisto.

O gosto pela leitura parte de um grau de percepção que se altera, que se conforma e que vai construindo uma consciência a partir de elementos anteriores ao processo de leitura que se evidenciam durante o processo da mesma e após ele, numa contínua construção positiva ao longo da vida. (PAZOS, 2004).

De acordo com Pereira (2004), a prática de leitura é uma atividade social que só pode ser compreendida dentro de uma concepção interacionista, onde o leitor é um sujeito ativo que interage em todos os momentos, com o autor, por meio de seu texto.

De acordo com esta perspectiva, o texto não é um discurso pronto e acabado, mas sempre uma construção de significações específicas dentro do contexto em que a atividade de leitura se realiza. Assim, os momentos de leitura em podem ser momentos de negociação não só entre leitor e autor, mas entre os vários leitores.

“Ler é, sobretudo, uma tarefa compartilhada. Necessariamente, o leitor a partir do texto, constrói significados.” (PEREIRA, 2004).

Ao conviver com textos, o leitor não só aprende a decodificar, mas também outros procedimentos necessários para o desenvolvimento de capacidades de leitura.

“A leitura é considerada um processo interativo, no sentido de que os diversos conhecimentos do leitor interagem em todo o momento com o que vem da página para chegar a compreensão”. (KLEIMAN apud PEREIRA, 1989, p.17.).

A leitura é muito mais que uma simples decodificação. De acordo com a autora, ela é na verdade, produção de sentido, pois, é uma atividade que depende da necessidade, do interesse, do envolvimento em práticas sociais significativas, em resposta a uma busca.

Ensinar a ler é criar uma atitude de expectativa prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, isto é, mostrar à criança que, quanto mais ela previr o conteúdo, maior será a sua compreensão, é ensinar a criança a se auto-avaliar constantemente durante o processo para detectar quando perdeu o fio, é ensinar a utilização de múltiplas fontes de conhecimento – lingüísticas, discursivas, enciclopédicas – para resolver falhas momentâneas no processo; é ensinar, antes de tudo, que o texto é significativo, e que, as seqüências discretas nele contidas só têm valor na medida em que elas dão suporte ao significado global.(IBIDEM, p. 151,152).

Sendo assim, ensinar a ler não é ensinar regras e normas e sim criar uma atitude ativa ou uma atitude responsiva diante do texto.

Pereira (2004) destaca a necessidade de considerarmos o trabalho em sala de aula com a literatura, pois, o contato com textos literários é essencial para a formação do leitor. A autora ressalta que, mesmo quando temos outros objetivos de ensino, temos que refletir sobre a necessidade de explorar e preservar a função original dos textos literários, que é o prazer da leitura. Este prazer deve ser desenvolvido pelo professor.

A autora afirma que um dos grandes problemas da sociedade brasileira é que muitos alunos chegam à vida adulta sem ter desenvolvido o gosto pela leitura, porque lhes faltam os conhecimentos responsáveis pelo desenvolvimento da sensibilidade para sentir prazer na leitura de um texto escrito.

Considera-se que, é de fundamental importância refletir sobre questões conceituais e práticas, que auxiliem em esclarecimentos sobre como fazer para tornar os alunos leitores assíduos. A literatura tem interesse primordial de provocar o prazer estético no leitor por meio da linguagem.

É importante a reflexão sobre o processo constante e gradativo de desenvolver o interesse da criança pela leitura, que deve iniciar-se na família e ser reforçado pela escola. Desenvolver o hábito de leitura não se restringe a ensinar a ler, mas sim a proporcionar ao aluno, no contato com o texto e com o livro, uma melhor compreensão do seu universo, uma chance maior de saber lidar com suas experiências e seus sentimentos.

Trabalhando com literatura infantil ou infanto-juvenil, o docente estará confirmando a importância do professor na formação de valores e na cristalização de bons hábitos do futuro adulto, em relação a esta questão.

A literatura infantil, muito embora pareça sem importância, é na verdade, o marco inicial de uma cultura [...] Os primeiros passos na formação moral, social e literária são as histórias infantis [...] A literatura infantil surgiu da grande procura que os pedagogos tinham a técnicas e processos adequados à educação das crianças, então descobriram esta “mina de ouro”, que são as histórias. Os psicólogos aprovaram. (ESCOLA REVISTA DO PROFESSOR, 1988, p.9).

A definição apresentada é abrangente e, informa que a literatura feita para as crianças, é reconhecida como um gênero, compartilhando a mesma importância que a literatura brasileira, a literatura portuguesa, a poesia, o teatro.

A literatura é plurissignificativa e polissêmica, porque permite várias formas de leitura, como afirma a autora:

[...] abre caminho para que os leitores façam uma reflexão que pode desdobrar-se em várias camadas: lírica, crítica social, crítica da cultura, depoimento social de costumes de uma época, crítica política, análise psicológica... A literatura assume diversas formas e diferentes objetivos. Prosa e o verso se desdobram em outros gêneros literários. O romance, o conto, o teatro, a poesia narrativa épica são feições diferentes para um mesmo fenômeno: a arte da palavra. (GARCEZ apud PEREIRA, 2001, p. 11,12).

A literatura é um dos recursos fundamentais para o processo de formação de leitores, pois, é muito agradável ouvir histórias, e este prazer é prolongado pela vida toda, transformando leitores vorazes.

A prática da leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental, antes de tudo, cria possibilidades para o processo efetivo de formação de leitores, e não podemos negar a importância do convívio com os livros literários. De acordo com os PCN's (MEC, 2001), é importante e necessário que o texto literário esteja presente nas aulas. É preciso que esteja incorporado no planejamento.

“Um professor apaixonado pela leitura de textos literários influencia naturalmente seus alunos a se transformarem em bons leitores”. (PEREIRA, 2004).

Há várias leituras possíveis numa obra literária, pois ela está aberta ao leitor e este pode fazer uma leitura superficial ou mais aprofundada, conforme tenha uma bagagem cultural maior ou menor. Além disso, poderá focalizar determinados aspectos da obra e fazer uma leitura mais dirigida, como pesquisar a contribuição da obra para o leitor.

Conforme Pazos (2004) é importante conceber a obra como fonte para criar o saudável hábito de ler e, com isso, ampliar os horizontes do conhecimento e do pensamento. Também é essencial que o professor sempre procure a abordagem que mais auxilia seu trabalho junto ao aluno, o que dependerá dos objetivos que definir para determinadas atividades de leitura.

De acordo com a referida autora, no Brasil, a literatura infantil se instala a partir da trajetória consolidada dessa forma de literatura na Europa. Nesse processo, foi grande a importância de Monteiro Lobato.

A leitura de literatura, segundo Pazos, deve ser sinônimo de espontaneidade, liberdade e prazer. Com ela, podem e devem ser conhecidas outras realidades e visões de mundo que retratem o período e o ambiente cultural em que o aluno/o leitor está inserido.

2.4 – O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E A LEITURA

Pereira (2004), afirma que as características dos tipos de leitura mantêm uma relação com o estágio do desenvolvimento da personalidade da criança. O quadro a seguir, sintetiza a idéia:

Desenvolvimento Cognitivo Infanto-Juvenil		Desenvolvimento da Leitura	
Idade	Estágio de Desenvolvimento da Personalidade	Estágio de Desenvolvimento	Tipos de Leitura
3 a 6 anos	Pensamento pré-conceitual – Construção dos símbolos. Mentalidade mágica. Indistinção eu/mundo.	Pré-leitura – desenvolvimento da linguagem oral. Percepção e relacionamento entre imagens e palavras: som, ritmo.	Livros de gravuras, rimas infantis, cenas individualizadas.
6 a 8 anos	Pensamento intuitivo – Aquisição de conceitos de espaço, tempo e causa. Ainda mentalidade mágica. Auto-estima. Fantasia como instrumento para compreensão e adaptação ao real.	Leitura compreensiva – Textos curtos. Leitura silábica e de palavras. Ilustração necessária: facilita associação entre o que é lido e o pensamento a que o texto remete.	Aventuras no ambiente próximo: família, escola, comunidade, histórias de animais, fantasia, problemas infantis.
8 a 11 anos	Operações concretas – Pensamento descentrado da percepção e ação. Capacidade de classificar, enumerar e	Leitura interpretativa – Desenvolvimento da leitura. Capacidade de ler e	Contos fantásticos, contos de fadas, folclore, histórias de humor, animismo.

8 a 11 anos	ordenar.	compreender textos curtos e de leitura fácil, com menor dependência da ilustração. Orientação para o mundo.	
11 a 13 anos	Operações formais – Domínio das estruturas lógicas do pensamento abstrato. Maior orientação para o real. Permanência eventual da fantasia.	Leitura informativa, ou factual – Desenvolvimento da leitura. Capacidade de ler textos mais extensos e complexos quanto à idéia, estrutura, e linguagem. Introdução à leitura crítica.	Aventuras sensacionalistas: detetives, fantasmas, ficção científica, temas da atualidade, histórias de amor.
13 a 15 anos	Operações formais – Descoberta do mundo interior. Formação de juízos de valor.	Leitura crítica – Capacidade de assimilar idéias, confrontá-las com sua própria experiência e reelaborá-las em confronto com o material da leitura.	Aventuras intelectualizadas, narrativas de viagens, conflitos psicológicos e sociais.

2.5 – NOVOS GESTOS DE LEITURA

A maneira pela qual o professor concebe o processo de leitura orienta todas as suas ações de ensino em sala de aula. Se o professor carrega consigo a idéia de que leitura é traduzir a escrita em fala, ele vai planejar e executar atividades com ênfase quase exclusiva na leitura em voz alta pelos seus alunos.

A imagem do processo de leitura fundamenta, orienta e conduz os passos executados pelo docente ao promover, dinamizar e avaliar a leitura em sala de aula e/ou fora dela. Se essa imagem for redutora e simplista, certamente a educação de leitores vai ser conduzida de maneira precária, quando não deletéria aos propósitos pretendidos.

Chartier (1998), um dos maiores pensadores contemporâneos sobre a problemática da leitura, afirma que ler é apropriar-se do texto, é inventar e produzir significados. Ele reforça a idéia de que ler não é repetir, traduzir, memorizar e/ou copiar idéias transmitidas pelos diferentes tipos de textos. De fato, há consenso entre os pedagogos progressistas, desde Freinet até Paulo

Freire, de que a leitura é a recriação, reescritura, interação criativa entre o leitor, a palavra e o mundo.

Os termos “criatividade e invenção” apresentam uma aura meio misteriosa no contexto escolar e precisam ser melhores elucidados no que se refere à orientação didática da leitura. Isto para evitar que sejam entendidos como elementos estratosféricos para a recriação do mundo ou como tarefas inatingíveis por um grupo de crianças.

Em termos gerais, o leitor criativo é aquele que interpreta um texto à luz do seu contexto, estabelecendo relações, as idéias produzidas e a vida concretamente vivida em sociedade.

Segundo o referido autor, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Toda história de leitura supõe, em seu princípio, a liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Esta liberdade leitora não é absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura.

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão.

Estaria o professor educando objetiva e concretamente os seus alunos para o domínio das diferentes práticas de leitura? Uma resposta é bastante polêmica à medida que muitas pesquisas e reflexões sobre a leitura escolarizada apontam para o desvio de rota, para necessidades não preenchidas e, principalmente, para um professor que ainda rotiniza, improvisa e/ou copia procedimentos de ensino.

De acordo com Chatier (1998), é certo que existem deficiências encravadas e reproduzidas historicamente, no espaço escolar. Ausência de bibliotecas e bibliotecários, falta de abastecimento regular de livros, inexistência de salas apropriadas para a prática de leitura com diferentes propósitos, e outros. São necessidades mais do que evidenciadas no âmbito das escolas públicas deste país.

As rotinas docentes e todo o sistema de dependências que agem sobre o professor acabam por instituir encaminhamentos estreitos no momento de dinamização de leitura na escola. O uso exclusivo e acrítico do livro didático acaba gerando uma barreira ao longo do processo de formação de leitores. Não somente pelos passos cristalizados das lições (leitura, vocabulário,

questionário, gramática e redação), mas também pelo desprezo das múltiplas configurações textuais e das formas de ler em sociedade.

Segundo o autor citado anteriormente, são os protocolos de disciplinamento do leitor que fecham o caminho das abordagens alternativas para um ensino concreto nos ambientes escolares. Mais especificamente, os leitores são levados a repetir e até mesmo a memorizar, sem compreender objetivamente os sentidos preestabelecidos pela instituição, geralmente na forma de cópias literais a partir da convivência alienada com os livros didáticos ou com textos sem nenhuma significação social para as turmas de alunos.

Dar liberdade aos leitores significa ouvir, ou melhor, escutar e aproveitar pedagogicamente os sentidos produzidos através de leitura dos textos propostos remetendo sempre estes sentidos para a esfera da compreensão cada vez mais refinada e profunda da realidade.

Formar leitores, de acordo com os PCN's (MEC, 2001), é algo que requer condições favoráveis para a prática de leitura – que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura.

Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura – a escola terá de mobilizar-se internamente, pois, aprender a ler requer esforço.

É preciso torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar, como sugerem os PCN's, a aprender fazendo. Faze-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência.

Assim, uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.

2.6 – A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA LEITURA

As grandes modificações pelas quais passou a sociedade brasileira nas últimas décadas exigiram que os programas de democratização da leitura também se transformassem. Foi necessário intensificar a atuação, tornando-a mais efetiva, para fazer frente aos apelos imediatos de um mundo cada vez mais seduzido pela imagem, pela comunicação rápida, pela velocidade, e ao mesmo tempo ampliar quantitativamente os esforços para incluir parcelas cada vez maiores da população.

Segundo Garcez (1998), neste percurso muitas vezes descontínuo e cheio de obstáculos, aprendemos que qualquer iniciativa em direção ao estímulo à leitura deve envolver diversos agentes e diferentes segmentos sociais: famílias, escolas, professores, bibliotecários, especialistas, pesquisadores, editores, autores, meios de comunicação, instituições governamentais e não governamentais. Se a intenção é socializar o direito à leitura, como forma de conhecimento, interpretação e compreensão do mundo e do ser humano, é imprescindível uma articulação contínua, intensa e harmoniosa entre estes atores.

Isso porque o incentivo à leitura, depende: do convívio contínuo com histórias, livros e leitores, desde a primeira infância; valorização social da leitura pelo grupo social a que pertence; disponibilidade de acervo de qualidade e adequado aos interesses, horizontes de desejos e aos diferentes estágios de leitura dos usuários; tempo para ler, sem interrupções, previsto e assegurado no planejamento escolar; espaço físico adequado, agradável, confortável, estimulante e atrativo; ambiente de segurança psicológica e de tolerância dos educadores em relação ao percurso individual de superação de dificuldades; valorização da leitura pelo grupo; oportunidades para expressar, registrar e compartilhar interpretações e emoções vividas nas experiências de leitura; acesso à orientação qualificada sobre por que, o que, para que, como e quando ler.

Para aprofundar a reflexão relativa à natureza do ato de ler, é necessário, de acordo com a autora, considerar que se trata, simultaneamente, de uma experiência individual e única e de uma experiência interpessoal profunda e intensa, um exercício dialógico ímpar, pois, entre o leitor e o texto, desencadeia-se um processo discursivo de decifração, interpretação, reflexão e reavaliação de conceitos absolutamente renovados a cada leitura. Nenhuma atividade humana permite, até hoje, e espécie de diálogo atemporal que a leitura proporciona.

Além de todas as iniciativas práticas que vão desde a formação de um acervo e a criação de oportunidades de leitura e de expressão das interpretações e emoções, até o acompanhamento dessas leituras, o educador pode atuar como um interlocutor privilegiado, um parceiro mais próximo, um companheiro de caminhada. Mas não como doador de um bem previamente estabelecido, como o dono do significado, como o que detém a leitura correta, como o único que sabe ler, uma vez que cada indivíduo constrói a sua trajetória pessoal de leitura, que é outra, diversa da leitura do professor.

O docente apenas estimula, orienta, apóia e facilita a superação dos obstáculos que muitas vezes desencorajam o leitor iniciante e podem desviá-lo para um ciclo de fracassos sucessivos que, certamente, virá condená-lo à aridez do silêncio e da mudez. Contribuir para a construção de

leitores seguros, confiantes, competentes e autônomos é contribuir para a democratização do acesso a um dos instrumentos essenciais para o exercício da cidadania.

Conforme os PCN's (MEC, 2001) colocam, se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes.

É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela, pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes.

A leitura na escola tem sido fundamentalmente, um objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, a objetivos de realização imediata. Como se trata de uma prática social complexa, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com a diversidade de textos e de combinações entre eles. Significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura.

2.7 – O TRABALHO COM A LEITURA EM SALA DE AULA

Ouve-se com freqüência em âmbito escolar, principalmente entre os alunos do Ensino Fundamental, a frase: *“Eu não gosto de ler”*, ou *“Ler é muito chato”*.

Alguns justificam a afirmação com relação ao desprazer. Segundo eles, são obrigados a ler livros, com um grande número de páginas, o que gera a preguiça e o desconforto. Outros ressaltam que a maior dificuldade é a compreensão do vocabulário. Relatam que alguns livros utilizam uma linguagem de difícil compreensão, sendo necessário a utilização do dicionário durante a leitura.

Como a leitura tem sido trabalhada com objetivos de desenvolver habilidades quanto à gramática, ortografia, interpretação e produção de textos, bem como outras atividades que levam a “memorização”, o prazer tem sido desprezado.

Quase não se percebe a interação entre o leitor e o texto. Ler tornou-se uma prática monótona e descontextualizada.

Na realidade, a leitura é um estímulo à criatividade e criticidade. É atividade enriquecedora para o exercício da cidadania. Por meio da leitura, o sujeito torna-se consciente de seu papel enquanto cidadão.

Cabe ao professor ser o mediador entre o aluno e o conhecimento, propiciando o contato direto com diversos tipos de textos, veiculado à sociedade. É fundamental o estímulo à análise crítica, conforme sugerem os PCN's (MEC, 2001), ao afirmar que a questão do ensino da leitura envolve o exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo de escrita.

O professor é um instrumento capaz de levar o aluno a criar conexões com o mundo que o cerca, e ampliar os conhecimentos através de atividades diferenciadas de leitura.

É de extrema importância oportunizar desde cedo, o contato das crianças com diversos livros e/ou outros materiais impressos.

A leitura é significativa quando há a interação entre o leitor e o texto. Ela compartilha experiências, valores, pensamentos, sentimentos e emoções.

A leitura desenvolve a linguagem verbal. Deve ser considerada como objeto social do conhecimento.

Ao ouvir histórias quando bebê, com ritmo e entonação, os pais desenvolvem na criança na criança o prazer pelas histórias, e conseqüentemente pela leitura. Assim, ela viaja pelos maravilhosos reinos das fadas. Um mundo cheio de cor e encantamentos, por lugares misteriosos e cheio de curiosidades.

Com isso, conhece vários personagens, com características próprias. Um verdadeiro momento de prazer!

Com o passar do tempo, este hábito é ampliado em algumas famílias. As histórias antes contadas passam a ser lidas dos livros infantis. A criança passa a ter contato com livros coloridos, com imagens atrativas. A viagem continua agora mais sistemática.

Ao chegar à escola, o aluno traz consigo uma bagagem cultural rica, adquirida por meio da leitura em família. Já faz algumas leituras de rótulos, slogans, propagandas e às vezes até o próprio nome. Alguns reconhecem as palavras simples e diferenciam números de letras.

É neste contexto que o professor deve atuar conscientemente, a fim de formar atitudes prazerosas quanto à leitura. A família também exerce papel importante nesta formação.

É relevante o contato com diversos materiais: livros diversos, revistas, jornais, gibis, cartas, panfletos, folder, e outros.

O que tem ocorrido na escola ultimamente, é a leitura como decodificação de símbolos. O aluno lê e não compreende o que leu. Isto porque a leitura não tem sentido para ele. A leitura deve ser prazerosa, para que seja realmente significativa.

O trabalho com a leitura pode ser atraente e dinâmico. Isto depende do enfoque pedagógico que o professor dará ao mesmo. Além disto, a criatividade, criticidade e vontade de exercer um papel consciente e responsável na arte de educar, garantem um trabalho inovador e coerente.

Ao professor cabe detonar das múltiplas visões que a criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações, porque estas decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado. (ZILBERMAN apud PAZOS, 1982, p.24).

Segundo a autora, desse modo, o leitor se tornará um leitor crítico e o livro será para ele um desencadeador de interesses e curiosidades. O livro trará o poder de aguçar, pela imaginação, o intelecto, fazendo com que o leitor seja impelido a buscar novas e maiores informações sobre o mundo a ser descoberto. Logo, a leitura, além de prazer, será uma ação cultural, cuja participação crítica fará com que o aluno relacione o espaço fechado da escola com a esfera privada ou pública.

2.8 – DIREITOS IMPRESCRITÍVEIS DO LEITOR

Segundo Pennac (1993), em seu livro “COMO UM ROMANCE,” o leitor tem dez direitos com relação à leitura. São eles:

- 1 - O direito de não ler;
- 2 - O direito de pular páginas;
- 3 - O direito de não terminar o livro;
- 4 - O direito de reler;
- 5 - O direito de ler qualquer coisa;
- 6 – O direito ao bovarismo (doença textualmente transmissível);
- 7 - O direito de ler em qualquer lugar;
- 8 - O direito de ler uma frase aqui e outra ali;
- 9 - O direito de ler em voz alta;

10- O direito de calar.

Observa-se que, conforme a perspectiva de tornar a leitura uma fonte de prazer, é viável permitir que o aluno desfrute destes direitos, pois, ao enfatizar a liberdade quanto ao ato de ler, é necessário uma postura cidadã, principalmente pelo fato da cidadania ser o eixo vertebrador da educação.

O ato de ler deve ser feito sem a interferência de outrem. Sem atividades de interpretar sistematicamente, sem perguntas ou deveres. Deve ser um ato livre de escolha, de momento, de tipos de texto, e outros. Deve ser considerado puramente livre, sem imposições, para que seja significativo e atraente.

O ato de ler é muito importante para o desenvolvimento da criança, porém, os adultos (pais e professores) não devem forçá-las, obriga-las a ler, senão, elas nunca verão a leitura como uma fonte de prazer, e sim um dever, uma obrigação, uma atividade sem graça, monótona e sem significados.

É necessário ensiná-las o gosto pela leitura, e não a decodificação.

Ao planejar suas aulas, o professor deve estar atento em priorizar a leitura, utilizar materiais adequados à faixa etária e aos aspectos cognitivos, afetivos, socioeconômicos, culturais e outros.

2.9 – O DOGMA DA LEITURA / É PRECISO LER!

Ainda analisando a obra de Daniel Pennac, vale ressaltar a idéia do autor quanto à necessidade de ler. Conforme ele ressalta, é preciso ler:

- 1 – Para aprender;
- 2 – Para dar certo nos estudos;
- 3 – Para nos informarmos;
- 4 – Para sabermos de onde viemos;
- 5 – Para sabermos quem somos;
- 6 – Para conhecer melhor os outros;
- 7 – Para saber para onde vamos;
- 8 – Para conservar a memória do passado;
- 9 – Para esclarecer nosso presente;
- 10 – Para aproveitar experiências anteriores;
- 11 – Para não repetir as besteiras de nossos ancestrais;

- 12 – Para ganhar tempo;
- 13 – Para nos evadirmos;
- 14 – Para buscar sentido na vida;
- 15 – Para compreender os fundamentos da nossa civilização;
- 16 – Para alimentar nossa curiosidade;
- 17 – Para nos distrairmos;
- 18 – Para nos cultivarmos;
- 19 – Para comunicar;
- 20 – Para exercer nosso espírito crítico.

Com base neste dogma da leitura, pode-se perceber quão grande e relevante é a tarefa de ler! É um ato tão simples, mas sua repercussão é para toda a vida. Faz parte da obtenção do conhecimento de mundo. É uma fórmula que estimula a saúde mental. Que dá mais sentido à natureza humana. Que faz do fraco, mais forte. Cura as doenças da alma e consola o coração desesperado e aflito. O ato de ler é muito mais do que aquilo que a mente humana pode processar. É um antídoto para os enfermos. É fortificante, calmante, tranqüilizante. É a leitura!

2.10 – COMO DAR MAIS VIDA À LEITURA

Ler e conhecer são atos indissociáveis, que aumentam o leque de decisão dos cidadãos. Daí, muito provavelmente, a grande dificuldade em disseminar a leitura naquelas sociedades onde se fazem presentes os privilégios de classes e a injustiça social.

Esta reflexão pretende mostrar que são diversas as finalidades do trabalho com a leitura junto aos alunos.

É importante que estas finalidades não fiquem subentendidas e nem permaneçam como meros apêndices das intenções do ensino, como geralmente acontece.

O educador deve explicitar objetivamente os porquês das intenções da leitura para si e para os seus alunos.

Para dar mais vida à leitura, algumas atividades podem ser desenvolvidas, como:

- Dramatizar trechos dialogados de uma história, deixando a narração fora.
- Para relatar uma determinada história, se vestir como o personagem principal, o mais semelhante possível. Quando a criança vivencia o personagem, assume características do mesmo, fornecendo e vivendo com os sentimentos e reações.

- Teatro de fantoches ou de marionetes, até mesmo o uso de figuras no flanelógrafo. A leitura da história pode ser gravada pelos professores ou alunos.
- Dramatizar espontaneamente ou com ensaios, contos que foram lidos. Fazer sessão de teatro, dividindo a turma em grupos para dramatizar a mesma história (mostrando a interpretação de cada um) ou histórias diferentes.
- A cada semana um aluno se veste como o personagem do livro que está lendo e a turma por sua vez, tenta descobrir qual é a história, e quem é o personagem.

Assim como estas, várias outras atividades podem ser realizá-las com os alunos a fim de inovar o trabalho com a leitura em sala de aula.

Além de realizar atividades diversificadas de leitura, existem recursos que favorecem a leitura como fonte de prazer, e atrair a atenção dos ouvintes ao contador de histórias: livros, fantoches, palco, teatro de sobras, retroprojetor, sucatas, flanelógrafo, marionetes, gravuras, álbum seriado, maquete, dramatização, máscaras, cineminha, radionovela e telejornal.

Conforme a criatividade, o professor poderá inventar outros recursos e atividades para incentivar a leitura.

2.11 – O USO DE BIBLIOTECAS

No que tange a promoção e dinamização da leitura, a instalação de uma biblioteca escolar é essencial.

A leitura deve também ser praticada fora dos limites da sala de aula, no sentido de ir consolidando o hábito.

Dessa forma, os resultados poderão afetar significativamente o lar da criança e até mesmo o trabalho pedagógico da própria escola.

Sugere-se neste caso, que a biblioteca funcione no período de férias, organizando atividades que dinamizem a leitura (sessões de leitura, de teatro, filmes, palestras, e outras.).

A posse de livros é importante para as crianças. A formação do hábito de ler pode ser facilitada pela auto-escolha e aquisição de livros atraentes e adequados.

Mesmo com o avanço das tecnologias, é fundamental o acesso ao livro. Com relação à instalação de bibliotecas, é necessário que haja integração entre pais, alunos, professores e demais segmentos da comunidade escolar, a fim garantir um acervo que atenda às necessidades

de ensino, bem como às necessidades individuais de cada aluno, visando a qualidade do serviço prestado.

Silva (1986) destaca pontos fundamentais para o incentivo à leitura por meio da instalação de uma biblioteca:

- Definição dos objetivos a serem cumpridos pela biblioteca no âmbito da escola e da comunidade – por que, para que e para quem uma biblioteca escolar;
- Estudos das possibilidades concretas para a instalação e funcionamento da biblioteca: local, recursos, pessoal, comunidade, etc.;
- Investigação das necessidades de leitura do corpo docente e discente, tomando como base o planejamento semestral ou anual, tentando delinear as características do acervo da biblioteca;

2.12 – CUIDADOS COM O LIVRO

Para que a leitura de um livro possa ser significativa e coerente, devem ser tomados alguns cuidados, a fim de que esta resulte satisfatoriamente:

- Ao ler um livro, procurar um lugar tranquilo e bem iluminado;
- Ao abrir as suas páginas, quando for o caso de estarem grudadas, usar uma espátula ou uma faquinha adaptada para este fim;
- Não manusear o livro com as mãos sujas, pois, os resíduos alimentares atraem baratas e ratos;
- Não escrever em suas páginas;
- Não rasgar e nem arrancar suas folhas;
- Não deixá-lo com a lombada para cima, pois danifica e descola a capa;
- Não apoiar o cotovelo entre suas folhas, durante a leitura;
- Não colocar entre suas páginas objeto algum mais espesso que uma folha de papel ou cartolina;
- Não dobrar os cantos de suas folhas para marcar o ponto em que parou, para isso, usar uma tira de papel ou marcador apropriado;
- Evitar o uso de qualquer fita, cliques e grampos, pois, mancham e enferrujam;
- Evitar que os livros fiquem expostos aos raios solares, pois, estes mancham o papel e danificam as encadernações.

3 – ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Ao analisar as possíveis causas do problema com relação à leitura, e utilizando-se da abordagem qualitativa, foi realizada a pesquisa-ação, com estudo bibliográfico e aplicação de atividades, buscando fundamentar teoricamente o trabalho pedagógico e resgatar o gosto pela leitura.

Inicialmente, foi aplicado um questionário para os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, a fim de coletar dados sobre o interesse e a motivação dos docentes no trabalho pedagógico com a leitura.

De posse dos questionários, as professoras analisaram os dados e registraram as observações feitas.

As professoras conversaram informalmente com seus alunos a fim de também coletar dados sobre a prática da leitura em sala de aula e fora dela, além de levantar as preferências de gêneros, motivação e interesse.

Foi feito um “Chá Literário”, na sala de leitura, com a participação de alguns alunos, pais, professores e direção da escola. Foram feitas apresentações de poesias, dramatizações de histórias e dinâmicas neste evento.

As professoras planejaram as atividades para serem aplicadas aos alunos e elaboraram a Oficina Literária para os professores trocarem experiências sobre o trabalho com a leitura.

A Oficina acontece todas as semanas, às quartas-feiras, no horário de coordenação dos professores. Uma equipe de professores é responsável por preparar apostilas e outros materiais, bem como desenvolver atividades, palestras e dinâmicas, de acordo com o planejamento. O tema da oficina é: “Como trabalhar a leitura de forma criativa?”.

A primeira atividade foi aplicada aos alunos. Por meio da dramatização, os professores contaram a história da Dona Baratinha. Utilizaram figurino e montaram o cenário no pátio da escola.

Posteriormente, os alunos foram levados à sala de vídeo para assistir o filme “A Bela e a Fera”. Demonstraram interesse e entusiasmo.

Outra atividade foi realizada no pátio: “A corrida do livro”. Duas colunas formadas por alunos. Cada um vai passando o livro por cima da cabeça para o seu colega até chegar ao final da coluna. Quando o último aluno está de posse do livro, sai correndo para frente da fileira, e dá prosseguimento à brincadeira. Vence a equipe que terminar primeiro, ou seja, quando o primeiro

da fila chega ao seu lugar. O prêmio é um livro de literatura. Os alunos gostaram da brincadeira, e pediram que fosse repetida.

Também foi realizada a atividade da caixa surpresa, onde os alunos pegaram um livro surpresa para ler. Após a leitura, houve a socialização, onde cada um relatou a história lida, bem como se apreciou ou não a leitura.

Os alunos foram convidados a confeccionarem um livro, com tema livre. A única exigência foi de ilustração. Cada história deveria ser escrita e ilustrada. Após a confecção dos livros, os alunos organizaram a exposição, e tiveram a oportunidade de ler as histórias de seus colegas. Percebeu-se com esta atividade que os alunos têm muita criatividade e imaginação fértil.

Em um outro momento, os alunos foram levados à sala de leitura, a fim de escolherem os livros que mais se interessavam em ler. Após a escolha, os alunos puderam levar os livros para casa.

Os alunos confeccionaram fantoches com sucatas a fim de serem utilizados para contar histórias. Os grupos foram divididos e escolheram um livro que gostariam de ler e dramatizar a história com fantoches produzidos por eles. Todos participaram da atividade, que foi significativa para estimular a leitura.

Também foi feita a leitura compartilhada do texto “O caso do Espelho”, versão de conto popular por Ricardo Azevedo.

Outra atividade significativa que foi realizada foi a produção coletiva de texto (criação de histórias). Utilizando uma caixa surpresa, com vários objetos diferentes, os alunos criaram uma história, formando os parágrafos de acordo com os objetos que eram retirados da caixa.

Todas as atividades que foram e ainda estão sendo realizadas com os alunos e professores, são enriquecedoras na prática educativa, e contribuem significativamente para o alcance dos objetivos propostos.

Além da busca por novos conhecimentos teóricos na área da leitura como fonte de prazer, pretendia-se resgatar o interesse, o gosto, a motivação, a ludicidade, a imaginação e a criatividade de discentes e docentes, neste trabalho que requer atenção especial, já que faz parte da formação dos alunos.

4 – ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O questionário contendo cinco questões objetivas foi aplicado a vinte e cinco professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, de cinco Escolas Públicas do Distrito Federal, situadas às Regiões Administrativas de Ceilândia, Samambaia e Santa Maria.

O objetivo principal do questionário foi coletar dados reais sobre como está sendo realizado o trabalho com a leitura em sala de aula.

Ao analisar os questionários, observou - se os seguintes dados:

- Trinta por cento dos professores que participaram da pesquisa, trabalham todos os dias com a leitura em sala de aula; dezoito por cento uma vez por mês, dez por cento de quinze em quinze dias e quarenta e dois por cento uma vez por semana.
- Quanto aos tipos de textos utilizados com mais frequência, setenta e três por cento utilizam textos informativos e vinte e sete por cento utilizam contos de fadas.
- Com relação aos recursos mais utilizados, verificou-se que oitenta por cento utilizam livros e revistas, e vinte por cento utilizam jornais e outros recursos.
- Ao analisar as questões que se referem ao sentimento com relação à leitura, constatou-se que cinquenta e nove por cento sentem-se motivados e percebem a leitura como fonte de prazer; quinze por cento sentem-se desmotivados e percebem a leitura como fonte de desprazer; vinte e seis por cento não demonstram sentimentos com relação à leitura e têm uma visão da leitura como obrigação dos discentes e docentes.

A principal dificuldade encontrada nesta atividade (aplicação de questionário) foi o fato de muitos professores se recusarem a participar. Daí o número de participantes ter sido tão pequeno.

Quando professor conhece e sabe interpretar sua própria ação didática, apresenta uma tomada de consciência do que lhe parece de bom senso, mobilizando esquemas e métodos para dominar a realidade e torná-la familiar, percebendo que o senso comum não é tão amplo como parece. (PERRENOUD apud ARAÚJO, 2003, p.196).

Araújo (2003) afirma que para o professor se tornar um profissional investigador da própria prática, é preciso que haja de sua parte, uma disposição pessoal para investigar, tornar-se curioso e questionador.

É necessário, segundo a autora, que ele tenha uma formação adequada para formular problemas, selecionar métodos e instrumentos de observação e de análise, e que atue em um

ambiente institucional favorável à constituição de grupos de estudo. Além disso, precisa receber assessoria técnico-pedagógica e ter tempo e espaço para fazer a pesquisa.

Com relação à conversa informal com os alunos para coletar dados sobre a prática da leitura em sala de aula e fora dela, as professoras observaram que a maioria dos alunos, cerca de oitenta e dois por cento, não gostam de ler, e quando lêem, preferem revistas em quadrinhos. Não se interessam em ler livros e outros recursos. Vêem o trabalho com a leitura como algo frustrante e insignificante.

Com relação a conversa informal, Silva (2004) afirma que a trama de comunicações que se estabelecem em sala de aula é importante, pois, envolve a aprendizagem de cada um e de todos, bem como o conhecimento das pessoas, de seus significados, de suas vivências cotidianas e de suas expectativas para o futuro, numa perspectiva sociointeracionista.

As relações interpessoais verificadas em sala de aula, segundo a autora, proporcionam importantes conhecimentos para o docente estruturar suas atividades. A percepção de diferentes interesses e necessidades dos alunos, por meio da observação permanente, possibilita ao professor um melhor conhecimento de suas próprias ações e a conseqüente adaptação das mesmas às necessidades de cada educando.

No “Chá Literário”, percebeu-se interesse dos alunos quanto à participação. Porém, com relação às apresentações de poesias, dinâmicas e dramatizações, as professoras depararam-se às dificuldades, pelo fato de que o número de voluntários foi reduzido.

Quanto à Oficina Literária, percebeu-se que foi uma atividade significativa à prática docente, já que permitiu a troca de experiências e despertou a criatividade dos docentes.

Alguns professores foram convidados a participarem da dramatização da história da Dona Baratinha. O compromisso na atividade foi demonstrado em todos os momentos, desde a confecção do figurino e do cenário, até a representação. Os alunos gostaram muito desta atividade. Atividades como estas enriquecem a prática educativa e leva o docente a refletir:

Para conhecer precisamos estar inseridos em um novo paradigma, que pressupõe educar sempre dentro de uma visão de totalidade. Devemos educar pessoas inteiras, que integrem todas as dimensões: corpo, mente, sentimento, espírito, psiquismo, o pessoal, o grupal, o social. Nossa maior tarefa, como educadores, [...] consiste em sermos nós mesmos plenamente e ajudar a que os outros também o sejam. Devemos educar para a busca de novas experiências. Educar para a autonomia, para a liberdade possível; para a autenticidade. (MORAN apud XAVIER, 2004, p. 192).

Os alunos assistiram ao filme “A Bela e a Fera”, e após, a professora levou o livro para a sala. Os alunos fizeram a leitura do clássico e puderam comparar a história contada no livro com aquela contada no filme.

Segundo Xavier (2004), ao utilizar o vídeo em sala de aula como recurso didático, a escola trabalha a cultura, uma vez que nele há possibilidade de resgatar culturas passadas e integrá-las ao presente. Na verdade, o filme propicia a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos, sistematizados numa mesma obra de arte. Compete ao professor sistematizar a busca de informação e criar estratégias para a socialização do conhecimento.

Houve interesse dos alunos na “corrida do livro” e na atividade da caixa surpresa. Pôde-se perceber que, as atividades diversificadas e criativas geram o interesse dos discentes.

A confecção do livro foi significativa, pois os alunos tornaram-se sujeitos ativos na construção do conhecimento.

Silva (2004) destaca que a relação entre o ensino e a aprendizagem não pode ocorrer de forma mecânica. É uma relação recíproca em que o professor exerce o importante papel de mediador entre o conhecimento e o aluno. Trabalhando nesta perspectiva, o docente garante ao aluno sua inserção no grupo, possibilitando-lhe perceber sua importância no meio em que atua e o valor de suas experiências na construção de novos conhecimentos.

As atividades artísticas foram produtivas e contaram com a participação ativa dos alunos.

Para Veloso (2003), as práticas artísticas contemporâneas têm ressaltado a importância da imaginação, da fantasia e do lúdico no fazer artístico, como uma prática de ressignificação de sentidos e como forma de reflexão e construção de novas relações sociais. Nesta perspectiva, busca-se um outro olhar e entendimento do mundo.

Durante o desenvolvimento das atividades, pôde-se perceber a contribuição da leitura no processo de formação crítica, e vale ressaltar que os objetivos propostos foram alcançados com sucesso. O tema da pesquisa é de relevância social, e vale a pena ser considerado de forma mais ampla, no contexto escolar e fora dele.

Sugere-se que este trabalho tenha continuidade, já que o tema é de fundamental importância para a prática pedagógica, tanto para os discentes quanto para os docentes.

A pesquisa teórica também contribuiu significativamente para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, e enriqueceu a prática educativa no sentido de abrir horizontes e ampliar conceitos e idéias quanto à leitura.

Espera-se que, a leitura deixe de ser uma máquina de destruir leitores e passe a ser compreendida como “Fonte de Prazer”, a fim de torná-los mais felizes e competentes.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa – ação realizada por professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental propiciou uma postura reflexiva quanto à prática pedagógica no que se refere ao tratamento didático da leitura.

Houve intervenção no sentido de aplicação de atividades de incentivo à leitura, além da pesquisa bibliográfica, que enriqueceu a formação acadêmica, tendo em vista a atuação direta no processo de investigação.

Este trabalho foi significativo, pois permite a curto, médio e longo prazo, a correção de falhas e o desenvolvimento de uma prática dinâmica e inovadora, para atender às exigências sociais e educacionais do presente século.

A pesquisa teórica promoveu uma nova perspectiva no processo de ensino-aprendizagem e um novo olhar didático para a leitura, incentivando o prazer e a motivação neste ato que é essencial para a sociedade, bem como para atender às necessidades individuais de cada cidadão.

Cabe à escola estimular e formar leitores competentes, que sintam prazer em ler e vejam a leitura como algo atrativo, essencial e importante para a vida toda. O trabalho de incentivação à leitura deve ser considerado por todos os docentes, e deve ser contínuo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Clara Lila G.. Componente Curricular Pesquisa e Prática Pedagógica II.** In: **FÉLIX, Joana d’Arc Bicalho.** (Org). Aprendendo a Aprender. Brasília: UniCEUB, 2003.
- ASSUNÇÃO, Jéferson. Máquina de destruir leitores.** Porto Alegre: Sulina, 2000.
- CHARTIER, Roger. A aventura do livro.** Do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.
- GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. A escrita e o outro.** Brasília: UNB, 1998.
- MEC. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.** Língua Portuguesa / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. 3 ed. Brasília: A Secretaria, 2001.
- ORLANDI, Eni P. Discurso e leitura.** 3 ed. São Paulo: UNICAMP, 1996.
- PAZOS, Vanda Inês da Silva. Componente Curricular Literatura Infanto-Juvenil.** In: **FÉLIX, Joana d’Arc Bicalho.** (Org). Aprendendo a Aprender. Brasília: UniCEUB, 2004.
- PENNAC, Daniel. Como um romance.** Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PEREIRA, Maria do Carmo Coelho. Componente Curricular Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Língua Portuguesa I e II.** In: **FÉLIX, Joana d’Arc Bicalho.** (Org). Aprendendo a Aprender. Brasília: UniCEUB, 2004.
- SILVA, Ezequiel Theodoro. Leitura na escola e na biblioteca.** 2 ed. Campinas: Papyrus, 1986.
- SILVA, Ismália Lopes. Componente Curricular Pesquisa e Prática Pedagógica III.** In: **FÉLIX, Joana d’Arc Bicalho.** (Org). Aprendendo a Aprender. Brasília: UniCEUB, 2004.
- VELOSO, Sainy Coelho Borges. Componente Curricular Educação e Arte.** In: **FÉLIX, Joana d’Arc Bicalho.** (Org). Aprendendo a Aprender. Brasília: UniCEUB, 2003.
- XAVIER, Vera Lúcia. Componente Curricular Tecnologia da Informação e da Comunicação.** In: **FÉLIX, Joana d’Arc Bicalho.** (Org). Aprendendo a Aprender. Brasília: UniCEUB, 2004.